

PREFÁCIO, LIVRO GOELA SECA. Por Semayat Oliveira

As palavras de Jô atravessaram o Brasil. Este livro me fez imaginar sua criatividade ainda criança, observando, ouvindo e processando todos os acontecimentos ao seu redor. Seus olhos de menina preservaram a cor do chão, as sensações da boca, dos pés e frases que passearam em seu ouvido, tudo guardado nas pontas dos dedos.

O trabalho de resgatar memórias não é nada simples. Tem quem passe a vida fugindo do rastro de sua própria história. Fazer uma viagem de retorno, reencontrar pessoas distantes de hoje e juntar as letrinhas do passado é para gente corajosa. E o escritor tem muito disso, de mexer no que tá quieto. É o que nossa maestra das palavras faz. Nestas folhas dá pra ver a poesia que chega à São Paulo arrastando a chinela desde Paulo Afonso, no sertão da Bahia, com suas marcas, sons, vazios e cheias.

Para quem conheceu a Jô da selva de pedra, dos prédios, becos e vielas, dos olhos altivos e gritantes contra o racismo e o machismo, se depara agora com outras sutilezas de uma mulher porreta. É possível sentir a urgência dessa escrita, como se estivesse guardada a sete chaves. O dentro, do dentro do dentro, daquilo que se demora a encarar, mas é inevitável para que um passo além seja dado em forma de arte.

Desde o rachado do chão até as rachaduras internas, aquelas que precisam mais do que água para se recompor. Passando pelos entrelaces e conflitos de um país misturado à força e na base da violência, a narrativa de "Goela Seca" te convida para diferentes cenários, personagens e interpretações. A cada nova leitura, outro detalhe, mais um sentido, novas sacadas. Tudo é poesia, como havia de ser, mas também é prosa, é conto e romance.

Folhear as páginas a seguir te causará desconforto enredado na beleza, como as obras de arte devem fazer. Eu, que conheço o trabalho de Jô das ruas asfaltadas da capital paulista e tive a chance de caminhar ao seu lado durante um intenso período de investigação do seu talento, percebo aqui a abertura de um outro caminho, igualmente luminoso. Mas seu comprometimento com o Brasil, a periferia e as dores e dúvidas de se nascer pobre e negra é imutável.

Saúdo a dona do livro, agora materializado em folhas, mas antes sentimentos misturados entre a insegurança e a graça de ousar colocar tudo em um papel. O resultado do trabalho de quem deseja se vingar, como a própria Jô costuma dizer. Saúdo você, menina-mulher, dona de seus sonhos, que não se rendeu e buscou confiança, persistência e ritmo necessário para chegar até o fim. Nasceu.

Seu livro e movimento me inspira.
Obrigada por se derramar mais uma vez e de novo.